

# ENFOQUES SOBRE O CRUZAMENTO VOCABULAR EM PORTUGUÊS

Vitória BENFICA DA SILVA  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**RESUMO:** O processo de formação de palavras intitulado *cruzamento vocabular* não é descrito na língua de forma homogênea, a começar pelos diferentes nomes referentes a ele, tal como *Blend* (GONÇALVES, 2003), *Contaminação* (BASILIO, 2003), *Fusão Vocabular* (BASILIO, 2005), *Palavra cabide* (SANDMANN, 1991), *Composição haplológica* (SANDMANN, 1991), *Combinação* (BECHARA, 2009), entre outros. A diversidade de mais de cinco nomes para designar um único processo já aponta para a divergência com a qual o fenômeno é estudado. Embora não esteja presente nos livros didáticos de Língua Portuguesa nem chame a atenção de tantos estudiosos da língua, o cruzamento vocabular vem sendo descrito por alguns linguistas, tais como Basilio (2003, 2005, 2010), Gonçalves (2003, 2006, 2010, 2016) e Andrade (2008, 2009), cujas obras serão aqui revisadas a fim de se elucidar o processo em foco neste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morfologia, formação de palavras, cruzamento vocabular.

## 1. DEFINIÇÃO E TIPOLOGIA

O cruzamento vocabular é um processo em que novas palavras são formadas por meio de outras, como afirma Gonçalves (2006, p.224), ao afirmar que “mesclas lexicais são formas criadas pela junção de duas palavras já existentes na língua”. São exemplos deste processo palavras como *mautorista* (<mau + motorista) e *chocotone* (<chocolate + panetone). Em outras palavras, o cruzamento vocabular é um processo criativo de formação de palavras que ocorre

quando duas palavras, pertencentes ou não a mesma classe gramatical, se fundem num todo fonético, com um único acento, à semelhança de um composto formado por aglutinação, mas sem perder, contudo, os traços semânticos das formas de base que lhes deram origem. (ANDRADE, 2008, p.17)

Mesclar duas palavras significa misturá-las, combiná-las ou agrupá-las. A fusão de duas bases não só cria formas, mas também significados. Em *chafé*, por exemplo, a palavra *chá* se soma a *café*, de modo que a adição delas resulta em uma nova palavra, com uma nova forma e novo significado: ‘café tão fraco que parece chá’.

Ao afirmar que as palavras-matrizes são “pertencentes ou não a mesma classe gramatical”, Andrade (2008) informa que as bases de um cruzamento vocabular não necessariamente precisam ser da mesma classe gramatical, mas por outro lado, nada impede que elas assim sejam. Em *apartamento* (<aperto + apartamento), por exemplo, ambas as bases são substantivos; já em *boadrasta* (<boa + madrasta) a primeira base é um adjetivo e a segunda um substantivo – o que valida o fato de a classe gramatical das bases não interferir no processo do cruzamento.

Ao descrever a ocorrência de um e somente um todo fonético, é enfatizado o fato de que o cruzamento vocabular seleciona apenas o acento de uma das bases, afinal, mesmo que seja originado por meio de duas palavras, o CV constitui apenas uma e, portanto, porta

## Enfoques sobre o cruzamento vocabular em português

apenas um acento primário. Na mescla *analfaburro* (<*analfabeto* + *burro*), o acento da primeira base é suprimido em detrimento ao da segunda base. A palavra-fonte *analfabeto*, considerada paroxítona, porta o acento na penúltima sílaba /'bɛ/; no entanto, ela foi ocultada favorecendo assim a permanência do acento primário em /'bu/, da segunda base, *burro*.

Ao comparar um CV a um “composto formado por aglutinação”, a autora faz menção a um processo de formação de palavras semelhante ao cruzamento vocabular: a composição. Por formar uma palavra também por meio de duas bases, a composição se assemelha muito ao fenômeno aqui estudado, tanto que alguns autores o consideram como um subtipo da composição. Há diversos pontos de contato e de divergência entre os processos, que são enfocados com mais detalhes mais adiante.

O último trecho da citação feita a Andrade (2008), “mas sem perder, contudo, os traços semânticos das formas de base que lhes deram origem”, relaciona-se com o significado dos cruzamentos, pois, por mais que uma nova palavra seja formada, o produto cruzado continua fazendo referência ao significado das bases. *Chafé*, por exemplo, é um café tão fraco que parece um chá, ou seja, o CV possui um novo significado, mas ainda assim faz referência ao significado de suas bases. Esta característica é efetiva em todos os dados de CV analisados até então.

Diante deste breve panorama sobre o cruzamento vocabular, é possível definir o CV na “fusão de duas palavras, que, ao mesmo tempo, reproduz e cria significados”, como afirma Andrade (2009, p.193).

Já Basilio (2005), por sua vez, possui um posicionamento mais distante quando afirma que o termo *cruzamento vocabular* não é apropriado para o fenômeno, e que, em sua concepção, o processo assim denominado deveria ser descrito como dois processos diferentes, e não um. Descreve, então, o fenômeno dando preferência ao termo *fusão vocabular*, a fim de apresentar um processo mais abrangente do que o cruzamento vocabular propriamente dito. Em sua hipótese, “existem dois processos diferenciados. O primeiro é um processo de incorporação predicativa, (...) o segundo é um processo de partes de palavras” (BASILIO, 2005, p.5).

## 2. TIPOLOGIA

Em relação à tipologia do cruzamento vocabular, também há divergências descritivas. A classificação das mesclas lexicais pode ser fundamentada em fatores não só morfológicos e fonológicos, uma vez que os dados são classificados principalmente pela semelhança fônica ou não entre as bases. Estudos mais pretéritos, com o de Sandmann (1993), categorizam o fenômeno pelo critério sintático. Há ainda autores, como Bechara (2009), que investigam o cruzamento vocabular de maneira mais superficial, e não chegam a classificar o fenômeno em tipos distintos.

A tipologia adotada pelo viés fonológico é a mais precisa para tratar o assunto, uma vez que cataloga os dados com mais particularidades. Nessa direção, Basilio (2003, 2005) descreve dois tipos associados ao fenômeno, mas identifica apenas um como legítimo, enquanto Gonçalves (2003, 2006) e Gonçalves, Andrade & Almeida (2010) defendem uma classificação bipartida e Andrade (2008, 2009) e Gonçalves (2016) apresentam uma tipologia tripartida.

Diante desta divergência, adota-se aqui a tipologia tripartida do cruzamento vocabular. O primeiro tipo – descrito como interposição lexical, entranhamento lexical ou

incorporação predicativa – é aquele em que há semelhança fônica entre palavras-base. No segundo tipo, combinação truncada ou composição truncada, essa semelhança não se realiza. Por fim, o terceiro tipo, conhecido como substituição lexical, é um padrão em que uma parte do *input* é promovida a condição de palavra e, em seguida, é substituída.

### 3. A INTERPOSIÇÃO LEXICAL

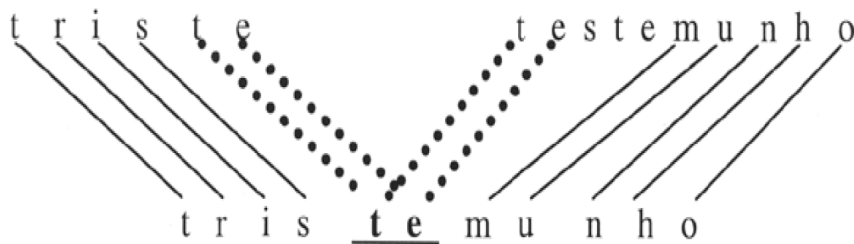
O primeiro tipo, de acordo com Gonçalves (2003), é o mais produtivo pelo fato de que “80% dos cruzamentos vocabulares do português brasileiro são caracterizados pelo aproveitamento de pelo menos um segmento comum às palavras-matrizes”. Logo, exemplos como *apartamento* (<aperto + apartamento) e *namorido* (<namorado + marido) são representativos desse padrão de formação que mais ocorre entre os cruzamentos vocabulares.

Andrade (2009, p.194) descreve este primeiro tipo como a

interposição de duas bases que compartilham material fonológico, sejam sílabas, rimas ou até mesmo porções fônicas sem *status* próprio, as quais se fundem de tal modo a que estabelecem, no nível da forma cruzada, relações de correspondência de um-para-muitos entre os constituintes das formas de base e da forma resultante.

Deste modo, a principal característica do cruzamento formado por meio da interposição lexical é a relação de semelhança entre as palavras-base, como se vê em *tristemunho* (<**triste** + **testemunho**) e *sofressor* (<**sofredor** + **professor**)<sup>1</sup>. Nesses dois exemplos, é notório que as bases apresentam segmentos em comum; no primeiro caso, o material fonológico aproveitado é a sílaba /**te**/, já no segundo caso, as bases compartilham os segmentos /**of,e,or**/, material sem *status* fonológico próprio.

A fusão por meio do compartilhamento fonológico constitui “correspondência de um-para-muitos” entre as palavras-base e o cruzamento formado, como se pode ver no esquema<sup>2</sup> a seguir, em que as linhas contínuas representam correspondência entre o CV e apenas uma das bases, enquanto as linhas pontilhadas indicam associação dupla, por corresponderem ao CV e às duas bases simultaneamente.



<sup>1</sup>Os segmentos em negrito e sublinhados, neste trabalho, são os considerados como pertencentes às duas formas de base.

<sup>2</sup> Representação retirada de Gonçalves (2006, p.234). Nesse exemplo, acrescentamos que, possivelmente, a sílaba compartilhada em P2, testemunho, é a segunda e não a primeira, principalmente por causa do maior grau de semelhança dela com a última sílaba de P1, que não é ramificada.

## Enfoques sobre o cruzamento vocabular em português

O exemplo acima, bem como outros típicos da interposição lexical, aponta para o conceito da ambimorfemia, que consiste no “compartilhamento de unidade fonológicas (sons, sílabas, sequências) comuns a mais de um morfema em decorrência da interposição das palavras matrizes” (GONÇALVES, 2005).

Na interposição lexical, a quantidade de material fonológico compartilhado é diretamente proporcional ao grau de semelhança fônica entre as bases, como afirma Andrade (2009, p. 194). É por isto que *souffessor* apresenta um grau maior de semelhança entre as palavras-fonte do que *tristemunho*, visto que as bases da primeira compartilham cinco segmentos, /of,e,or/, e as da segunda, apenas dois, /te/.

Ainda sobre a interação entre as bases, encaixa-se a afirmação de Basilio (2005, p. 3) de que

mais exatamente, do lado fonológico, temos a superposição de um outro significante sobre o significante da palavra base hospedeira, mas de tal maneira que se atinge, na realidade, não apenas uma superposição, mas um entranhamento ou incorporação. Do lado do significado, temos uma forte evocação do significado da palavra incorporada, como predicação que passa a integrar o sentido da palavra base.

Este tipo de CV é o mais focalizado por Basilio (2003, 2005, 2010). Sua hipótese é que o CV é a incorporação de uma palavra na outra, de modo que a “palavra hospedeira” é a que sofre a predicação, projetada pela “palavra invasora”. O envolvimento das duas palavras entre si é tanto que a autora tece um questionamento sobre a definição de que cruzamento vocabular é a soma de parte de palavras.

No entranhamento lexical, a relação entre as bases é tão intrínseca que, de fato, coloca em xeque a linearidade, tanto que Basilio (2005, p.4), baseada no exemplo de *pilantropia* (<*pilantra* + *filantropia*), constrói o seguinte questionamento:

Na análise deste caso, já podemos observar que propostas que afirmam que o cruzamento vocabular se caracteriza por formações com partes de palavras não é satisfatória. Poderíamos, por acaso, dizer que o *p* representa o significado do *pilantra*? Claro que não. Poderíamos dizer que *pil-* é uma parte? Também não, pois só reconhecemos “pilantra” a partir do todo alterado. Ou seja, o que nos dá a chave para a interpretação é o reconhecimento da palavra predicativa incorporada. Ou seja, não se trata de formações a partir de parte de palavras, mas de composições integrais em que uma parte, embora presente, apresenta uma alteração, mínima e fundamental, em seu significante.

O caso de *pilantropia*, citado pela autora, de fato não é uma simples adição de duas partes de palavras, pois não há um encadeamento estrito que ligue partes isoladas das palavras-fonte. Nesse exemplo, ambas as bases, *pilantra* e *filantropia*, compartilham os segmentos /*ilantr*/ e são, assim, ligadas por uma interposição em que os segmentos de P1 se encontram entre os de P2. Nesse sentido, o que permite o reconhecimento de P1 na palavra cruzada não é apenas *p-*, mas a modificação na palavra, como um todo. A esse caso de cruzamento vocabular a autora dá o nome de *fuve* (fusão vocabular expressiva). De acordo com Basilio (2010, p. 202), essas formações originam-se por um fenômeno diferente, tanto que defende a existência de “um tipo específico de formação, normalmente englobada sob o rótulo de cruzamento vocabular, a qual denomino ‘fusão vocabular expressiva’ (ou fuve)”.

#### 4. COMBINAÇÃO TRUNCADA

Cruzamentos formados por meio da combinação truncada, por sua vez, são descritos como “formações mais isoladas na língua” (ANDRADE, 2009, p. 195) por corresponderem a minoria dos cruzamentos, se comparadas às formações por interposição lexical. Diferente do primeiro tipo, a combinação truncada não necessariamente envolve compartilhamento de material fonológico entre as bases, como demonstram exemplos como *selemengo* (<seleção + flamengo) e *portunhol* (<português + espanhol), em que as bases não apresentam material fonológico em comum, não sendo então ambimorfêmicas como as formações por interposição lexical.

As combinações truncadas podem apresentar bases de tamanho iguais ou diferentes:

se as formas de base são do mesmo tamanho, ocorre fragmentação em ambas: *chocotone* (<*chocolate* + *panetone*); caso contrário, a maior sofre truncamento e a menor, sem perder massa fônica, se concatena inteiramente a maior: *forrogode* (<*forró* + *pagode*). (ANDRADE, 2008, p.14)

Desse modo, quando as duas bases do CV são de tamanho igual, as duas sofrem fragmentação, como ocorre em *chocotone* (<*chocolate* + *panetone*) e *brasiguaio* (<*brasileiro* + *paraguaio*). No primeiro exemplo, retirado do trecho acima, a palavra-base *chocolate* perde as sílabas finais, /la.ti/; e na segunda, *panetone*, são apagadas as sílabas iniciais /pa.ne/. Já em *brasiguaio*, as sílabas finais da primeira base, /le.ru/, são omitidas, enquanto as finais de *paraguaio* são preservadas, sendo suprimidas então as iniciais da mesma, /pa.ra/.

Já no caso em que as bases são metricamente diferentes, a maior sofre fragmentação enquanto a menor fica intacta, ou seja, não perde massa fônica, e assim ambas se conectam. Esse caso pode ser exemplificado por *forrogode* (<*forró* + *pagode*) e *pescotapa* (<*pescoço* + *tapa*). No primeiro exemplo, também retirado do trecho acima, a menor base, *forró*, apresenta duas sílabas, enquanto a segunda possui três, *pa.go.de*; sendo assim, a primeira base é preservada e a segunda sofre omissão da sílaba /pa/. Caso semelhante ocorre em *pescotapa*, em que, por seu tamanho, *tapa* é conservado e a maior base sofre apagamento da sílaba, /su/.

Pode-se concluir assim que o cruzamento vocabular formado por combinação truncada se “assemelha à composição bem mais que o primeiro” (GONÇALVES, 2016, p. 77), tanto que Basilio (2005) não descreve esse padrão como um tipo de CV, mas sim como um subtipo da composição.

#### 5. SUBSTITUIÇÃO SUBLEXICAL

O terceiro tipo de cruzamento, por fim, é a substituição lexical (SSL), também conhecida como analogia ou reanálise. Nesse padrão, uma sequência de segmentos de uma determinada palavra é reinterpretada e promovida à condição de morfema e, logo em seguida, substituída. Sobre esse processo, Gonçalves, Andrade & Almeida (2010, p.3) exemplificam:

Em ‘macumba’, *input* de ‘boacumba’, caso claro de SSL, a sequência ‘ma’ – que não apresenta qualquer *status* morfológico – é idêntica ao adjetivo ‘má’. A palavra invasora (‘boa’) é projetada a partir dessa porção não-significativa em ‘macumba’, levando

## Enfoques sobre o cruzamento vocabular em português

consigo suas estruturas métrica e silábica. ‘Boa’ promove a sílaba ‘ma’ à condição de palavra, substituindo-a sublexicalmente.

Conforme o funcionamento das SSLs, vale destacar que este é o único tipo que não se baseia na (des)semelhança fonológica entre as bases; logo, o processo se distancia bem mais dos outros dois. Além disso, o produto da SSL não se origina da fusão de duas palavras morfológicas. Por isso mesmo, esse padrão é, então, o que apresenta mais controvérsias entre os estudiosos.

Por ter um comportamento mais particular, alguns trabalhos o consideram como um processo à parte – como Gonçalves (2003, 2006) e Gonçalves, Andrade & Almeida (2010); outros já o abordam como um dos tipos do CV – Andrade (2008 e 2009) e Gonçalves (2016); e há ainda estudos que nem consideram os dados formados por meio da substituição sublexical – Basilio (2005). Para melhor compreensão dos diferentes pontos de vista, serão sucintamente revisadas as perspectivas dos autores que analisam as SSLs, na ordem em que foram citados. Começemos com Gonçalves (2003, 2006).

Dadas algumas semelhanças e disparidades entre a substituição lexical e o cruzamento vocabular, é possível notar a complexidade de ambos os processos. De modo geral, a pesquisa de Gonçalves (2003, p.152) aponta para a afirmação de que “BLs não podem ser analisados como substituições lexicais porque duas palavras constituem *input* a formação de uma terceira”. Segundo Gonçalves (2006), a reanálise se distingue do cruzamento vocabular principalmente pela forma com que as bases interagem. Na interposição lexical e na combinação truncada, os dados são formados a partir da combinação de duas palavras em ‘planos alternativos’, como no exemplo *chafé*, em que as duas bases, *chá* e *café*, são *inputs* e o cruzamento é o *output*. Nos dados de substituição lexical, as bases interagem em ‘planos competitivos’, como em *boacumba*, em que a única base no *input* é *macumba*, que sofre uma reinterpretação e resulta na substituição lexical. Esse é um dos motivos pelo qual o autor declara que

blends não operam como criações analógicas, não podendo ser analisados como substituições sublexicais. A mesclagem, na verdade, vem a ser o resultado da fusão de dois vocábulos que atuam em “planos alternativos”, ao contrário das formações analógicas, cujas bases operam em “planos competitivos”. (GONÇALVES, 2006, p. 234)

Desse modo, o pesquisador explicita uma tipologia dicotômica para o cruzamento vocabular, pois, em suas palavras, “há dois padrões para *blends* no português do Brasil: (a) um para os casos em que P1 e P2 apresentam algum tipo de semelhança fônica e (b) outro para aqueles em que P1 e P2 são totalmente dessemelhantes do ponto-de-vista segmental” (GONÇALVES, 2006, p. 234).

Em pesquisa específica sobre a substituição sublexical (SSL), Gonçalves, Andrade & Almeida (2010, p. 1) explicam que

por esse processo, reinterpretam-se formas linguísticas, de modo a promover uma sequência não-morfêmica à condição de base ou afixo, a exemplo do que ocorre, nesta ordem, com ‘boacumba’ (< ‘boa’ + ‘macumba’ = “macumba branca”) e ‘tricha’ (< ‘tri’ + ‘bicha’ = “homossexual exageradamente afetado”). A formação dessas palavras revela criatividade no uso da língua e sua força

expressiva resulta (a) da expansão de significados e (b) do inesperado que se consegue com a combinação.

Sendo assim, a SSL também é descrita pelos autores (*op.cit.*) como um processo diferente do cruzamento vocabular, não como um tipo de CV. Morfológicamente, esta distinção é evidenciada pelo fato de formações cruzadas apresentarem dois *inputs*, enquanto as substituições lexicais têm apenas um. Exemplos como *portunhol*, *enxadachim* e *frátria* esclarecem essa diferença, como será explicado a seguir.

No primeiro caso, *portunhol* (português + espanhol), claramente duas palavras são combinadas para se obter o significado ‘espanhol com traços de português’ ou ‘português com traços de espanhol’, havendo, portanto, duas formas de entrada (*português* e *espanhol*) que contribuem na mesma medida para a formação da palavra cruzada, configurando-se, portanto, um cruzamento vocabular de bases dessemelhantes.

Já na análise de *enxadachim* < *espadachim*, por sua vez, há controvérsias. Apresentado primeiramente em Basilio (1997), esse dado demonstra imprecisão quanto a sua classificação. Afirma-se, em Gonçalves, Andrade & Almeida (2010), que esse exemplo é de uma reanálise, pois, de acordo com os autores, há um único *input*, *espadachim*, classificado como “palavra-alvo”, no qual ocorre a incorporação de *enxada*, “palavra invasora”.

Para essa hipótese ser comprovada no exemplo em questão, considera-se que “o material melódico rastreado (*espada*) é posteriormente apagado” (*op. cit.*, p. 7). Entretanto, este apagamento mostra-se improvável, pois se *espada* foi apagado do cruzamento, qual seria a origem da sua semelhança com *enxada*? A única diferença fonológica entre *espadachim* e *enxadachim* é a o traço nasal neste segundo<sup>3</sup>, visto que até o tamanho e a posição estrutural de ambas as palavras são semelhantes. Como muitos segmentos de *espadachim* foram aproveitados em *enxadachim*, este caso está mais próximo da interposição lexical do que da substituição sublexical.

O exemplo de *frátria* < *pátria*, por sua vez, se mostra mais claramente uma SSL, pois apresenta um único *input*. Diferente de *portunhol*, em que duas bases contribuíram igualmente para a formação do cruzamento, o caso de *frátria* apresenta um único *input*, *pátria*, palavra alvo que sofreu a invasão da palavra *fraterno*. Esta invasão se dá na medida em que /*pat*/ de *pátria* é associado a ‘paterno’ (pai), e, por analogia, é substituído por /*frat*/ de ‘fraterno’ (irmão), (*op. cit.*, p. 11). Com base nesse fato, os autores concluem então que

cruzamentos vocabulares não podem ser analisados como SSLs porque duas palavras constituem *input* à formação de uma terceira. (...) Nas SSLs, portanto, o alvo é apenas uma das palavras e a interseção das bases é ocasionada pela reanálise intencional da forma de *input*. (GONÇALVES, ANDRADE & ALMEIDA, 2010, p.4)

Mesmo com todos os indícios de que a substituição sublexical pode ser um processo à parte do cruzamento vocabular, ainda assim não podem ser descartadas as semelhanças entre os mesmos. Andrade (2009, p. 195) aponta uma semelhança ao afirmar que “embora não haja compartilhamento de segmentos nem tão pouco truncamento, já que

<sup>3</sup> Esta afirmação leva em conta o dialeto carioca, visto que, em outros dialetos, haveria também a diferença de [s] em *espada* para [ʃ] em *enxada*.

## Enfoques sobre o cruzamento vocabular em português

envolve uma só palavra-matriz, o produto gerado constitui-se sempre de duas formas livres na língua”.

O fato de a substituição sublexical ser constituída de duas formas livres na língua é o bastante para ser traçado um grande paralelo entre ambos os processos, visto que o fator mais básico de uma palavra cruzada é ser formada por duas palavras existentes na língua. O trabalho de Gonçalves (2016) concorda com essa visão, ao apresentar três tipos distintos de CV.

### CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, é notório que o cruzamento vocabular é um processo descrito de forma heterogênea. Como foi apresentado, o primeiro tipo, mais recorrente, é conhecido como *interposição lexical* por ser basicamente caracterizado pela semelhança fônica entre as bases e maneira como elas interagem. Já o segundo, combinação truncada, é identificado pela dessemelhança entre as bases. E, por fim, a substituição lexical é o único tipo que não leva em conta a semelhança ou não das bases.

Considerando fenômenos distintos, Basilio (2005, 2010) identifica como  *fusão vocabular* apenas a incorporação predicativa, aqui denominada *interposição lexical*. O segundo tipo, composição truncada (segundo sua nomenclatura), é descrito pela autora como um subtipo de composição que combina partes de palavras. Segundo ela, estes dois tipos “constituem processos diferentes, que não deviam ter o mesmo nome e não deviam ser tratados em conjunto” (BASILIO, 2005, p.5).

Enquanto Basilio (2005) afirma que apenas o primeiro tipo corresponde de fato cruzamento vocabular, Gonçalves (2003, 2006) e Gonçalves, Andrade & Almeida (2010) defendem que apenas o terceiro tipo não é relativo ao fenômeno. Já Andrade (2008, 2009) e Gonçalves (2016) descrevem três tipos possíveis para o CV. Considerando todas as análises apresentadas e não desprezando as diferenças expostas, este trabalho segue os passos destas últimas obras, ao descrever três possíveis tipos para o cruzamento vocabular.

<b>TIPOLOGIA DO CRUZAMENTO VOCABULAR</b>			
<b>AUTOR</b>	<b>TIPO 1</b>	<b>TIPO 2</b>	<b>TIPO 3</b>
Basilio (2005)	ok	∅	∅
Gonçalves (2003, 2006) Gonçalves, Andrade & Almeida (2010)	ok	ok	∅
Andrade (2008, 2009) Gonçalves (2016)	ok	ok	ok

*Quadro 1: Comparativo dos tipos de cruzamento conforme os autores revisitados*

### REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- ANDRADE, K. E. *Proposta de um continuum composição-derivação para o Português do Brasil*. Tese de Doutorado. – Rio de Janeiro, UFRJ, 2013
- ANDRADE, K. E. Entranhamento lexical, combinação truncada e analogia: Estudo timalista sobre padrões de Cruzamento Vocabular. In: GONÇALVES, C. A. (org.).



*Otimidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Rio de Janeiro: Publit Soluções editoriais, 2009.

ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. – Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

ASSUNÇÃO, F. P. *Cruzamentos vocabulares: efeitos expressivos e padrões estruturais na coluna de Agamenon*. Monografia de Especialização em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da FEUC, 28p. mimeo, 2006.

AZEREDO, J.C. *Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BASILIO, M. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto: APL, 2010, pp. 201-210.

BASILIO, M. A Fusão Vocabular como Processo de Formação de Palavras. *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*, 2005.

BASILIO, M. Cruzamentos vocabulares: o fator humorfologico. *X Congresso da ASSELRIO*. Rio de Janeiro, 2003.

BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. – ampl. e atual. Conforme o Novo Acordo ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formações de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, 2. sem. 2006, pp. 219-241.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, 2003, pp. 149-167.

GONÇALVES, C. A.; ALMEIDA, M. L. L. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares em português. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, Faculdade de Filosofia da UCP, 2007.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, 2010, p. 64-82.

GONÇALVES, C. A.; CARVALHO, W.; ANDRADE, K. Splinters são cruzamentos de cruzamentos? Repensando o estatuto desse constituinte em português. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 13, n. 1, 2016, pp. 132-156.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. 2.ed. Fortaleza: EDUFC, 1987.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1997.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1993.